maio 70 nº6

O COMUNISTA

VIOLÊNCIA BURGUESA e VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

Os revolucionários afirmam que a substituição do poder burguês pelo poder do povo só se pode verificar utilisando a violência.

Aprofundando esta concepção, eles dizem que a violência terá de ser exercida pelos explorados, e deve aparecer como consequência da actividade política exercida no seio das massas.

E aqui vemos todos os burgueses horrorizados, clamando aos céus contra o nosso "terrorismo", contra a nossa "falta de sentimentos", etc..

Vejamos, senhores dirigentes da Nação: quais são os responsáveis pela situação de miséria em que se encontra o nosso povo?

Quais são os responsáveis pela morte de milhares de filhos de operários e camponeses em terras de África?

Quais são os responsáveis pela saída de milhares de trabalhadores para terras estrangeiras, onde são submetidos a péssimas condições de vida, onde são submetidos à exploração mais desenfreada por parte do capitalismo?

Nós, ou vocês? Afinal, quem são os "terroristas", quem são os homens que "não têm sentimentos"? Nós, que queremos construir um mundo novo, onde não haja lugar para parasitas, ou vocês, que querem manter o mundo actual, onde podem explorar e mandar matar todos os trabalhadores que vocês quiserem?

'A violencia é a parteira da Historia'

(KARL MARX)

Aprofundemos isto um pouco mais.

Na última "conversa em família" o sr. Marcelo Caetano indignou-se contra a actividade de núcleos revolucionários, e lembrou que nada se poderá passar contra a lei, porque a lei é a ordem, "sem ordem o que seria feito de todos nós?", e até falou do problema do trânsito como grande exemplo de que tudo tem de ser regulado e dirigido.

Mas, sr. Marcelo, ninguém está contra a ordem e a lei. Nós estamos é contra a ordem e a lei burguesas, nós estamos é contra o poder legal que os patrões têm de explorar o trabalhador, contra a "ordem" que prende e assassina os revolucionários.

Nós somos pela lei que implanta a justiça social, que estabelece a igualdade de todos, nós somos pela ordem que ataca os exploradores e os parasitas, e que defende os trabalhadores.

Estamos a falar da lei e da ordem revolucionárias.

Como vê, sr. Marcelo, é completamente diferente da sua lei e da sua ordem. A razão da diferença é muito simples: nós defendemos uma classe e você defende outra. É o grande esquecimento das suas agradáveis "conversas em família": esquece-se de dizer que não há sociedade que não esteja dividida em classes, e que a cada classe correspondem interesses necessàriamente opostos aos da outra classe.

Agora, vejamos: perante a situação a que está condenado o trabalhador, ele deve reagir e lutar, ou deve aceitar o que lhe acontece como se

fosse uma "infelicidade da vida", e acreditar que será feliz no "reino dos céus"?

Mais: essa reacção do trabalhador deve ser muito digna, correcta e elegante, ou deve ser forte e violenta, alimentada pela indignação e pelo ódio que criam a exploração a que está sujeito desde sempre?

Por outras palavras: o trabalhador pode ganhar o poder por meio de votos e falinhas mansas, ou utilisando a greve, a sabotagem e a luta armada?

Aos defensores do voto, lembramos alguns exemplos históricos onde a chegada ao poder de alguns democratas através de eleições provocou imediatamente o contra-golpe de extrema-direita: Espanha (em 1936), Brasil (1964), Grécia (1967).

A verdade é outra: a transformação social só se pode operar pela violência, o poder conquista-se com as armas. É a única resposta possível à exploração a que o povo está submetido, às prisões, às torturas, à morte na guerra colonial, e ao exílio a que estão condenados os trabalhadores e os revolucionários.

Tudo isto é a prova diária e constante da violência que é utilisada pela burguesia para a defesa dos seus privilégios.

Entretanto, o que faz Marcelo Caetano para assegurar a continuação do poder dos patrões?

Tenta montar novas estruturas económicas, tenta dar uma certa liberdade de fachada, tenta, em suma, chegar à "Hora Europeia". Mas o seu regime é de transição, não é nem pode ser ainda uma democracia burguesa, onde houvesse liberdade para organisações parlamentares de "Oposição"; e não o pode ser, precisamente porque a estrutura económica portuguesa é ainda demasiadamente frágil, está ainda ligada em parte aos hábitos do feudalismo agrário e do parasitismo colonialista. E os chefes da velha agricultura são os homens fortes da antiga ditadura burguesa.

A chegada ao poder de tecnocratas liberalizantes não significa senão uma tendência (que é forte, e que vai vencer, precisamente porque corresponde às necessidades actuais do capitalismo Português), mas que ainda não tem as bases cimentadas.

E daí, desta insegurança na orientação política a definir, está a razão de ser das oscilações do Governo: por um lado a Imprensa aparece mais livre, o que não é muito grave para um país com uma maioria de analfabetos, por outro lado são presos "oposicionistas" (1) que, em princípio, seriam um degrau indispensável para a chegada à democracia burguesa, e que, portanto, não deveriam ser atacados, na boa lógica.

O TERRORISMO DA EXTREMA-DIREITA

Mas a velha extrema-direita não se sente tranquila com as novas "modas" do Governo. E começou a organisar-se: além dos ataques na campanha eleitoral a alguns deputados e sedes da "Oposição", além do reforço da Legião Portuguesa e da PIDE (2), começou a montar novos aparelhos repressivos. Contam-se, entre eles, o "Comando de Caça aos Comunistas" e o "Movimento de Resistência Portuguesa", de que transcrevemos algumas passagens significativas:

"Comunista: neste país, em que a tua acção é cada vez mais perniciosa, e mais ignorada, sempre há alguém cujo maior desejo é dificultar-te um pouco a tarefa e impedir que recebas numa bandeja a vitória por que anseias.(...)

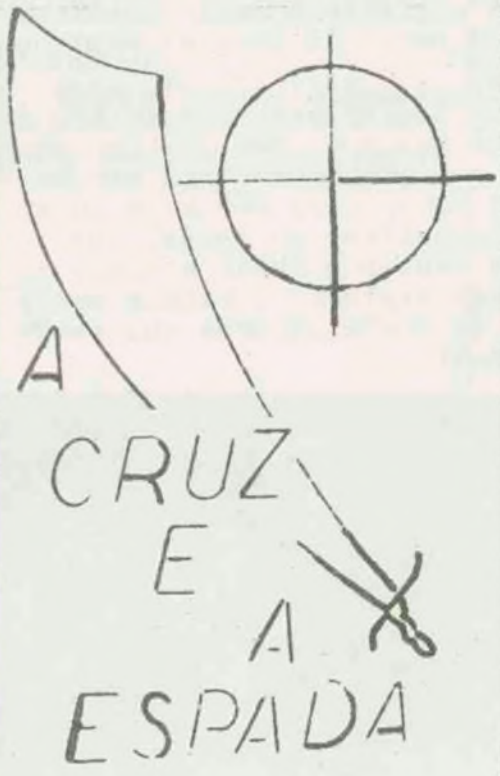
Os crimes que tens praticado contra a Liberdade vais pagá-los com juros. Já desde D. Manuel I (que nos livrou temporàriamente da praga judaica) que se não faz neste país uma operação de saneamento.

Esta é pois a tua vez."

(Comando de Caça aos Comunistas.)

Como vemos, perante a possibilidade de um pequeno perigo de perder algum dos antigos privilégios, a burguesia não hesita perante o caminho de se armar e de utilisar a violência. (Curiosa reacção por parte dos homens que nos enchem a cabeça de princípios pacifistas, de amor pelo próximo, e de "doçura dos nossos costumes".

MOVIMENTO DA RESISTENCIA PORTUGUESA



ESTE É UM DOCUMENTO DO TERRORISMO FASCISTA DA EXTREMA-DIREITA QUE SE VÊ AMEAÇADA NOS SEUS PRIVILEGIOS DE ORIGEM FEUDAL.

DECISÃO DO TRIBUNAL REVOLUCIONÁRIO DA SECÇÃO ANGOLANA DO MRP

Em sessão secreta do Tribunal Revolucionário da Secção Angolana do MRP, foram condenados ao espancamento, os seguintes traidores:

ZEFERINO CRUZ,

ANTONIO AUGUSTO VASCONCELOS DE AZEVEDO FARIA, "O MALHADO"

ANTERO ERVEDOSA DE ABREU.

Os camaradas dos GRUPOS DE CHOQUE encarregar-se-ão de dar execução a esta sentença, chamando-se especialmente a atenção do camarada TIRADENTES e do chefe de grupo ADA CA DE OIRO, os quais devem accionar os grupos para que a decisão do Tribunal Revolucionário seja cumprida discreta e eficientemente.

Por outro lado, são avisados pela última vez, para que se definam concretamente e de forma decisiva

MARIA DO CARMO MEDINA

FELISBERTO PEREIRA LEMOS

ROBERTO JOSÉ FERNANDES

AIRES DE ALMEIDA SANTOS

FERNANDO NORBERTO DE CASTRO

BELARMINO DE SABUGOSA VANDUNEM

O Tribunal Revolucionário aguarda pacientemente que se pronunciem de uma vez para sempre, a fim de tomar uma posição justa.

O Tribunal Revolucionário aceita as razões e agradece as informações prestadas por PAULO DANIEL MOIO e GABRIEL LEITÃO, os quais considera integrados no MRP a partir desta data.

A RESISTÊNCIA POPULAR

Da parte dos trabalhadores e dos revolucionários verifica-se ou não a tendência para a utilização de formas violentas de luta, de contra-ataque ao terrorismo de extrema-direita?

Apesar de todas as campanhas de legalismo e pacifismo com que o P."C."P., a A.S.P. e outros grupos reformistas narcotizam sistemàticamente o povo português, este começa a sair da apatia em que se encontra desde há dezenas de anos.

Vejamos algums dos últimos exemplos, que são sempre sàbiamente escondidos pela imprensa da chamada "Oposição".

Em Coimbra, durante a greve universitária de 69, apesar do carácter legal e reformista que o movimento tomou, verificou-se o nascimento de um processo violento destinado a castigar os traidores às palavras de ordem da massa estudantil.

A organização que simbolizou este processo foi o "El Fath", formada por núcleos clandestinos que actuavam isoladamente, e consoante as directrizes de um comando unificado. As suas operações consistiram em sabotagens de automóveis de traidores e ataques a provocadores, polícias e fura-greves.

Ainda no movimento estudantil, recentemente, na Faculdade de Direito de Lisboa, o professor Martinez foi obrigado a fugir diante da cólera dos estudantes, que lhe queriam fazer pagar as suas habituais acções de sabujo e lacaio do capitalismo.

Como consequência da intensificação da luta anti-colonial, organisou-se em Lisboa a manifestação do dia 21 de Fevereiro, onde, como noticiámos no nº 5 de "O Comunista": "Algo de novo se verifica na luta anti-colonial (cuja continuidade, valor e força dependem da ligação que fôr feita com as massas trabalhadoras): pela primeira vez, embora ainda duma maneira incipiente, os manifestantes se opuseram à violência repressiva corajosamente" — desejando responder à violência da polícia com a violência revolucionária.

Em Luanda, durante o mês de Março, deu-se uma revolta dos "doentes" internados no hospital psiquiátrico de Luanda. Os "doentes" desse hospital são soldados, sargentos e oficiais que não suportam a violência reaccionária da guerra colonial, e que se revoltam nos quartéis e nos campos de batalha.

A repressão a essas reacções não é a cadeia, pois isso iria atear a revolta em toda a Companhia. Daí que a ameaça dos oficiais à desobediência e aos gritos dos soldados seja: "se não te calas vais para o hospital!"; claro que, quando esse elemento indisciplinado insiste na sua rebeldia, acaba por lá ser internado. E assim se têm resolvido até hoje, com honra para o Exército, todos os pequenos problemas que surgem no meio das tropas colonialistas: em vez de serem presos, traidores, etc., fabricam-se doentes mentais.

Mas no mês de Março deu-se uma reviravolta na simplicidade de todo este processo: os "doentes" revoltaram-se, apanharam armas, e resistiram durante 36 horas às forças que cercaram o hospital, só desistindo diante dos argumentos de pacificação de um médico que especialmente estimavam.

Foram enviados para Lisboa, mas durante a viagem revoltaram-se novamente, destruindo completamente o interior do navio. Dificilmente dominados, foram então metidos a ferros, e posteriormente entregues ao Hospital psiquiátrico da Estrela. Um mês depois foram postos em liberdade. (3).

No meio trabalhador, todos os anos se verificam acções violentas que os aparelhos "oposicionistas" tentam refrear; entre os exemplos mais recentes, lembramos Pero Pinheiro, Carris, manifestações do 1º de Maio, e o castigo e execução de pides e provocadores.

Recentemente verificaram-se em Coimbra incidentes que vêm provar o caminho inevitável para a radicalização das lutas estudantis: face às provocações de elementos das direitas apoiados pela polícia, na resistência estudantil vários estudantes ficaram feridos, um deles com gravidade, atingido por uma bala.

No Barreiro, ainda no 1º de Maio, face à violência da polícia, os trabalhadores ripostaram com a já inevitável violência revolucionária, sendo alguns operários presos.

Resumindo:

1. A violência é o elemento formador da estrutura de qualquer sociedade.
2. Os nossos militantes e todos os revolucionários têm de se preparar para o combate frontal com a burguesia, para a guerra popular que aniquilará os exploradores, e que trará a verdadeira felicidade e independência ao trabalhador Português.
3. Para que o nosso movimento se distinga do reformismo e do revisionismo, para que os burocratas da chamada Oposição fiquem definitivamente desmascarados e sejam desprezados pelo proletariado, não bastam as nossas boas palavras, a nossa análise política mais intransigente. As nossas intenções têm de se provar na prática, através duma luta longa e dura. A linha de demarcação entre os revolucionários e os reformistas encontra-se na utilisação de novas formas de luta, no emprego da violência revolucionária contra a violência burguesa.

NOTAS

(1)-Referimo-nos aos seciais-democratas partidários das teorias de evolução e reformismo (precisamente os mesmos temas defendidos por certos sectores da União Nacional - os sectores mais actualizados da burguesia, aqueles que sabem que a reforma pode funcionar como travão à energia revolucionária que luta por transformações radicais).

(2)-É importante ver o seguinte: foram, na realidade, expulsos muitos informadores e agentes da PIDE com a chegada de Marcelo. Para o governo tratou-se de se desembaraçar de velhos polícias que eram absolutamente ineficazes, porque eram conhecidos pelos trabalhadores. A opração foi: "limpar a casa" e recrutar novos elementos. E assim chegamos ao reforço da polícia, e não à liberalização, como é evidente.

(3)-Esta saída em liberdade dos rebeldes do Hospital de Luanda não significa nenhum gesto magnânimo, nenhum perdão por parte do governo. A história é outra: o tratamento psiquiátrico é caríssimo, e a burguesia não está disposta a gastar dinheiro com soldados. Os colonialistas matam, estropiam e enlouquecem os trabalhadores, e depois desprezam-nos e lançam-nos para a miséria e para as fábricas da Alemanha, da França, etc.. É possível conceber um crime maior para com o povo português?

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

O movimento anti-colonial cresce ràpidamente. A juventude mobiliza-se contra as ordens da burguesia, contra os falsos mitos de uma "pátria" e uma "honra" a defender nos campos de batalha das colónias portuguesas.

Este aumento de acção política veio criar um problema novo aos jovens revolucionários: devemos desertar sempre e em todas as circunstâncias? Isso não nos colocará definitivamente numa posição de exílio desmobilisador? A fuga constante de militantes para o estrangeiro não irá enfraquecer o combate que se conduz, hoje, no nosso país, contra o capitalismo?

A nossa resposta a estas questões é a seguinte:

1. A palavra de ordem "Deserção sempre, em todas as circunstâncias", corresponde aos interesses dos comunistas revolucionários. Se não fosse a existência de milhares de refractários e desertores, o governo não seria obrigado a aumentar o serviço militar, o que, como os colonialistas sabem, é uma medida impopular e que coloca cada vez mais camadas da população contra a sua política. Além disso, toda e qualquer agitação política dentro do Exército tem que ser baseada sobre os princípios de não colaboração com a guerra assassina.

O que quer dizer "não colaboração" quando o jovem é mobilizado para as colónias? É a deserção, evidentemente.

Na lógica do desenvolvimento do processo, não há outra resposta possível.

2. Na nossa palavra de ordem sublinha-se o facto de a deserção se dever verificar "em todas as circunstâncias".

Simplesmente, esta palavra de ordem pode estar sujeita a excepções em casos extremamente particulares. É possível que, em relação a um ou outro dos nossos militantes, a palavra de ordem seja a de ir para as colónias cumprir o serviço militar; mas nesse caso nós asseguramos as ligações desse militante com o movimento guerrilheiro, para que ele possa exercer uma acção revolucionária dentro das forças colonialistas portuguesas.

CONCLUINDO, a deserção sempre e em todas as circunstâncias é a nossa tomada de posição perante a colaboração ou não da juventude com o exército colonialista; as possíveis excepções que se verificarem correspondem a interesses tácticos da nossa organisação, e dependem das ligações com os movimentos de libertação.

3. Surgiram algumas críticas dentro da organisação, afirmando que o nosso apelo à deserção é aventureiro e espontaneísta e cairá no vazio, pois não existe ainda em Portugal uma forte organisação capaz de captar e fazer sair para o estrangeiro grande número de desertores.

Temos consciência da inexistência dessa organisação. No nº 4 do nosso jornal, no artigo "Massacres em Angola", diz-se: "Nós sabemos que o apelo à deserção tem de ser acompanhado de garantias de estabilidade futura, social e económica, para o desertor; sabemos que a deserção só atingirá um nível elevado e por conseguinte prejudicial para o Exército português, se fôr exercido um bom trabalho de consciencialisação política, e se a saída do país estiver tècnicamente assegurada.

Uma das tarefas actuais dos nossos militantes é, precisamente, a de conseguir montar todo o aparelho indispensável para a realisação de uma acção eficaz nesse sentido."

Até ao perfeito funcionamento dessa organisação, entretanto, a deserção não pode parar (e mesmo que alguém a quisesse travar, ela continuaria, como o prova a saída constante de jovens para o estrangeiro); consequentemente, o incitamento à deserção continuará.

Outro ponto importante é o referente à diferença entre refractário e desertor. Sem condenarmos rigorosamente o jovem que recusa todo o serviço militar, aconselharemos sempre todos os camaradas a integrarem-se no Exército, onde poderão adquirir uma experiência militar preciosa e exercer um trabalho revolucionário extremamente útil.

4. Outros militantes afirmam que esta palavra de ordem não é suficientemente explícita, não exprime os nossos verdadeiros objectivos, podendo ser tomada como um incitamento à deserção passiva.

Apesar da referência concreta desde o nº 2 do nosso jornal (artigo "Guerra colonial") à DESERÇÃO ACTIVA, isto é, ao aproveitamento das possibilidades de trabalho revolucionário e dos meios que o Exército permite ou oferece, reconhecemos que é necessário aprofundar esta questão, e daí o interesse das propostas que se seguem.

Elas constituem, indiscutìvelmente, um óptimo guia de acção anti-colonialista e revolucionária dentro desse viveiro nazi que se chama Exército Português.

Podemos dividir em 3 aspectos as actividades a que o soldado, sargento ou oficial miliciano se podem dedicar antes de desertar: o trabalho político, a preparação militar, e a confiscação de material de interesse revolucionário.

1. O TRABALHO POLITICO

No seio do exército, apesar do policiamento e da repressão existentes, toda uma série de trabalho deste 1º tipo é possível.

a) Agitação puramente anti-militarista

- sobre as condições de vida no exército, alimentação, disciplina, tratamento pelos superiores, higiene, etc.
- sobre a duração do serviço militar, subsistência económica do soldado e da família
- sobre os perigos da guerra, a morte ou invalidez
- contra a demagogia colonialista, insistindo no facto de as massas populares nada ganharem com a guerra
- propaganda anti-racista, das justas aspirações dos povos das colónias à independência, fazendo comparações bastante simples com a situação portuguesa dominada pelo imperialismo, etc.
- propaganda derrotista, falando na situação militar nas colónias.

Esta agitação, feita prudente mas eficazmente, pode ser exercida com um carácter semi-legal, durante todo o período militar, mas principalmente na recruta. O militante tem que conquistar primeiro a amizade e a consideração dos seus companheiros. Este trabalho pode ser feito entre militares da mesma patente ou por um de patente superior aos outros: um aspirante ou cabo miliciano aos soldados a seu cargo. Nesta última hipótese a agitação dá resultados muito bons, o soldado habituado a ser mal tratado desde o 1º dia de tropa quando encontra um superior que o respeita, que demonstra um interesse humano por ele e lhe fala nos seus problemas, adquire ràpidamente, para com esse aspirante ou cabo miliciano, uma justa amizade, ouvindo-o com atenção.

b) Agitação clandestina

Uma vez feito um estudo das condições do quartel, e das medidas de segurança a tomar, e utilisando os meios de propaganda ao seu alcance (jornais, panfletos, vinhetas, cartazes, inscrições nas paredes, etc.) os militantes podem, individualmente ou em pequenos grupos, exercer uma actividade de agitação clandestina muito eficaz.

Esta agitação será fundamentalmente dirigida contra a guerra colonial, com incitamentos directos à deserção activa, e sobre a luta de classes em Portugal.

Dado que as condições variam de quartel para quartel, cabe aos militantes descobrir as melhores formas de distribuição e colocação desta propaganda.

2. A PREPARAÇÃO MILITAR

Durante a estadia em Portugal (que varia geralmente de 6 meses a um ano), o Exército poderá funcionar para nós como uma óptima escola de preparação militar, dependendo de cada um o grau de aproveitamento.

A preparação física, táctica de guerrilha e contra-guerrilha, organisação e funcionamento do Exército, o estudo e a prática de todo o armamento, são conhecimentos fundamentais para a luta armada que cedo teremos de travar com a burguesia.

3. CONFISCAÇÃO DE MATERIAL DE INTERESSE REVOLUCIONÁRIO

Referimo-nos, por último, a outra actividade a que os futuros desertores se podem dedicar dentro do exército — a confiscação de material.

Não são apenas as armas que têm interesse para nós. Há toda uma série de material que se pode ir guardando desde o 1º dia de tropa:

- levantamento de plantas de quartéis, pormenorizadas e explicativas (localização de gabinetes e messes de oficiais, caserbas, paióis, arrecadações de material, sentinelas, casas da guarda, central telefónica, locais mais acessíveis de penetração no quartel, etc.). Toda a actividade normal do quartel deve ser relatada (horário das sentinelas, funções específicas de certos oficiais, distribuição e localisação do armamento de prevenção do quartel, normas dos oficiais e sargentos suspeitos de colaboração estreita com a PIDE, etc.)
- relatórios sobre o funcionamento e orgânica do exército: composição dos regimentos e seu funcionamento operacional, especializações dos diversos serviços do exército, códigos, salários de todas as patentes do quadro ou milicianos, etc.
- cartas topográficas, livros sobre armamento e de táctica, estudos do Exército sobre as colónias, etc.
- fardas, bússulas, rádios, etc.
- armamentos; de maior interesse na nossa actual fase de luta:
  - .pistolas (Walter, Parabellum)
  - .pistolas-metralhadoras (Vigneron, UZY, FBP)
  - .espingardas automáticas (G3, FN)
  - .granadas (ofensivas, defensivas, incendiárias, etc.)
  - .explosivos (plástico, 808, trotil, detonadores, cordão lento, cordão detonante, etc.)
  - .bazukas e respectivas granadas
  - .munições em quantidades máximas possíveis
  - .carregadores de reserva

  etc., etc., etc..

Por experiência de camaradas desertores, sabemos que todo este material é de possível "aquisição", variando ùnicamente as suas proporções e segundo as especialisações e disponibilidades de cada um.

UMA NOTA: OS MILITANTES REVOLUCIONÁRIOS ISOLADOS

Já ouvimos por diversas vezes desertores que ao justificarem-se por não terem confiscado material alegam que, não tendo contactos com organisação clandestina nenhuma, não tinham por conseguinte ninguém a quem o entregar. Achamos que não é justificação suficiente. Vejamos porquê.

É um facto que muitos não têm contactos com organisações revolucionárias que possam receber o material no momento oportuno e ajudá-los em seguida na retirada, que por vezes tem de ser imediata. Mas mesmo assim há pelo menos 2 formas de resolver a situação, se fôr feita uma preparação anterior.

Pode-se procurar um camarada que, não tendo também contactos, seja todavia de inteira confiança, insuspeito perante a polícia, e que guarde o material, estabelecendo-se uma forma posterior de contacto (por senha ou código).

Se isto não for possível, resta sempre a hipótese de se procurar um esconderijo, ùnicamente do nosso conhecimento, onde se coloca o material, devidamente protegido contra qualquer estrago.

Tanto numa hipótese como noutra o material não fica perdido, uma vez no estrangeiro o camarada procurará contactar com a organisação, informando que tem material em Portugal. Quando o achar necessário a organisação pedirá todos os detalhes para o recuperar.

Camarada: é fundamental que estas propostas de acção cheguem ao conhecimento do maior número possível de militantes. Faz edições especiais deste texto, utilisando o copígrafo manual (ver em "O Comunista" nº 2). Faz inscrições nas paredes apelando à deserção activa. Cola o cartaz que está integrado neste nº do jornal por toda a parte. REAGE!

CONTRA A GUERRA COLONIAL
PELAS LUTAS DO POVO

NÚCLEOS "O COMUNISTA"

CORRESPONDENCIA DOS NUCLEOS

SOBRE OS MILITANTES M.-L. PRESOS

Começou a 5 de Maio o julgamento de três militantes comunistas, acusados de terem sido os fundadores do Comité Marxista-Leninista Português e da FAP (Frente de Acção Popular). Trata-se de Pulido Valente, Francisco Martins Rodrigues e Rui d'Espinay.

Esta nota, no órgão dos núcleos "O Comunista" é apenas a posição política que cremos ser justa face à importância política que este processo tem e o que ele significa para o movimento comunista português.

Francisco Rodrigues era um militante responsável do Partido "Comunista" Português, expulso em 1964, depois de ter feito inúmeras críticas à linha reformista do Partido e após ter escrito o documento "Luta pacífica ou luta armada no nosso movimento", o qual ainda hoje constitui uma análise importantíssima sobre o Partido revisionista e sobre o movimento operário português.

Como resultado desta expulsão, juntamente com outros camaradas Francisco Rodrigues desenvolveu um trabalho de divulgação das ideias marxistas-leninistas e análise da situação portuguesa que constituem um marco histórico na luta da classe operária portuguesa.

A incapacidade dos dirigentes revisionistas do P."C."P. apenas lhes permitiu fazerem acusações profundamente desonestas, dado que o comportamento de Francisco Rodrigues nos interrogatórios face aos verdugos da PIDE foi deficiente, tendo entregue diversos camaradas e dado esclarecimentos à polícia (ainda que isso lhe tenha sido tirado através de duras torturas e por intermédio de processos que até aí a polícia raramente tinha usado, inclusivamente a aplicação de drogas nos alimentos), F. Rodrigues reconheceu imediatamente o seu erro, informando a organisação do seu comportamento.

Este é o alvo que a desonestidade dos dirigentes do P."C."P. utilisa para desacreditar a divulgação do marxismo-leninismo em Portugal.

Mas nunca, até hoje, a Direcção do Partido de Álvaro Cunhal teve a capacidade de responder politicamente às análises feitas pelo Comité Marxista-Leninista através dos 6 números da sua publicação "Revolução Popular".

A única resposta do Partido revisionista foi a denúncia destes camaradas através do "Avante", quando clandestinamente entraram em Portugal:

"CUIDADO COM ELES"

"Manuel e João, dois renegados pertencentes ao grupelho de Francisco Martins Rodrigues, todos eles expulsos há tempos do P.C.P. por actividades cisionistas e aventureiristas, dedicaram-se ùltimamente a acções provocatórias contra o Partido. Neste propósito, têm procurado militantes do Partido que conhecem, junto dos quais espalham calúnias contra a linha do Partido e contra a sua Direcção, tentando arrastá-los para o seu lado na actividade provocatória contra o Partido. No momento em que o inimigo fascista intensifica a sua acção repressiva contra o P.C. e os seus militantes, que conduzem nas mais duras condições a luta das massas trabalhadoras e do nosso povo contra o regime salazarista, não podemos deixar de considerar a acção desagregadora destes indivíduos como uma verdadeira provocação tendente a identificar-se com a acção do próprio inimigo. Aos militantes do Partido, aos democratas e a todas as pessoas honradas, aqui fica o aviso."

("Avante" de Dezembro de 1964).

Perante isto, devemos analisar a importância deste processo político face:

1º ao Partido "Comunista" Port.

O exemplo do Comité Marxista-Leninista, na época, entre Abril 64/ Fevereiro 66, na divulgação das ideias marxistas-leninistas, na análise do movimento operário português e da situação nacional, são questões que o Partido revisionista tem atravessadas na garganta, sabendo perfeitamente que este facto levou ao desmascaramento da linha traidora da Direcção do Partido, criando uma discussão interna, à qual Cunhal apenas tem respondido com a expulsão de militantes. Isto acontece porque, seguindo a análise que contribuiu à formação do Comité M.-L., e dado o desenvolvimento das ideias justas do proletariado através do mundo, dado o contínuo desmascaramento da coligação entre o imperialismo americano e o social-imperialismo soviético, ao mesmo tempo que as forças revolucionárias de todo o mundo se desenvolvem corajosamente, sobretudo a partir da Revolução Cultural Chinesa, facto cujas repercussões históricas têm uma profunda influência na divulgação do marxismo-leninismo. Assim, a Direcção do P."C."P., dependente de toda a estratégia diplomática do revisionismo soviético, denunciou e continua disposta a denunciar todos os camaradas que aliem a luta contra o capitalismo à luta contra o revisionismo.

Estes novos mencheviques, tal como em 1917, hoje devem ser desmascarados por todos os militantes comunistas, pois que a luta pelo socialismo no Mundo passa pela organisação de vanguarda operária e camponesa, contra a burguesia e o imperialismo internacional e contra os oportunistas e revisionistas, aliados directos dos reaccionários no poder.

Daí, ser bastante importante para o movimento operário português o exemplo militante que liga a formação do Comité Marxista-Leninista e a divulgação das ideias do proletariado. Ainda que a posição de Francisco Rodrigues perante a polícia não tinha sido correcta, ninguém tem o direito de diminuir a importância dos seus escritos durante a época de Abril 64/ Fevereiro 66.

2º aos militantes marxistas-leninistas portugueses

Estes três camaradas têm pois o mérito de terem sido os responsáveis pela divulgação das ideias marxistas-leninistas e do desenvolvimento da crítica e da discussão sobre o movimento operário português, da necessidade dum partido de vanguarda, da perspectiva da revolução proletária, da tomada do poder e da ditadura do proletariado.

Devemos pois salientar aqui a resistência corajosa face aos verdugos da PIDE do militante Pulido Valente, cujo comportamento é um exemplo para todo o comunista revolucionário.

(Há quem tome Pulido Valente como"seu chefe"; esta atitude não corresponde à verdade, pois qualquer um destes 3 camaradas se recusa a tomar posição quanto à existência actual dos grupos marxistas-leninistas. Neste aspecto a sua atitude é justa, pois só na acção e na prática revolucionária eles poderão tomar uma posição correcta perante o trabalho de organisação e de luta contra a burguesia portuguesa.

O actual desmembramento das forças revolucionárias portuguesas, que já se demarcaram da linha revisionista do partido de Cunhal, é prejudicial para o movimento m.-l. português. Estamos certos, no entanto, que a união de todos os comunistas será feita na acção e nessa mesma acção teremos possibilidades de definir em comum os nossos princípios e o esforço de organisação para a

→

CORRESPONDENCIA DOS NUCLEOS

O SATÉLITE CHINÊS

"O armamento da burguesia contra o proletariado é um dos factos mais importantes, dos mais fundamentais e mais essenciais da sociedade capitalista moderna"... propor aos "revolucionários de -reivindicar- o desarmamento, é negar integral - mente o ponto de vista da luta de classe e renunciar a toda a ideia de revolução".

"A nossa palavra de ordem deve ser: armar o proletariado para que possa vencer, expropriar e desarmar a burguesia. É a única tática possível para uma classe revolucionária, uma tática que resulta de toda a evolução objectiva do militarismo capitalista e que é ditada por esta evolução. É só depois do proletariado ter desarmado a burguesia que poderá, sem trair a sua missão histórica universal, lançar ao ferro velho todas as armas, mas apenas nessa altura e nunca antes".

LENINE ("Em armas contra a burguesia")

A editar nos Textos Marxistas

A 24 de Abril de 1970, a China Popular, lançou um satélite artificial da terra que singularmente difundia a música do "Oriente Vermelho".

O lançamento deste primeiro satélite chinês, merece a nossa atenção por diversas razões:

1º. Quando das experiências espaciais dos americanos ou soviéticos, a imprensa burguesa de todo o mundo falou de "progresso técnico, humano...". Mas hoje, os jornais burgueses falam do "perigo" de mais um concorrente armado. Esta prova é clara do medo da burguesia de todo o mundo perante as iniciativas dum povo, onde o proletariado dirige a política, a economia e a luta pelo marxismo-leninismo.

E porquê esta atitude da burguesia?

É que hoje em dia, há uma divisão do mundo em duas zonas de influência, a dos soviéticos e a dos americanos. Assim, os chamados "dois grandes" discutem, encontram-se e combinam-se para fazer os jogos diplomá - ticos que mais servirão os seus interesses. Tudo isto é feito sob o rótulo de "coexistência pacífica", que na verdade não quer dizer outra coisa que e manter as suas zonas de influência e apoiar os regimes existentes, mesmo que esses governos sejam ditaduras fascistas e governos reaccionários.

Por exemplo, ao mesmo tempo que os imperialistas americanos faziam, através da CIA, um golpe de estado de direita no Cambodja e apoiavam o massacre de centenas de vietnamitas, os revisionistas soviéticos assinavam acordos de cooperação com os fascistas da Grécia e com Franco em Espanha e a Polónia enviava carvão para as Astúrias (Espanha) por causa da greve dos mineiros asturianos.

Ora, esta supremacia URSS-EU, é mantida através da corrida aos armamentos e à "conquista do espaço". A entrada da China na investigação espacial, põe em perigo esta supremacia, e soviéticos e americanos foram surpreendidos com a iniciativa do povo chinês. 2º. Outro aspecto importante desta experiência chinesa é o que ela representa como exemplo da combatividade e decisão do povo chinês. Em 1949, após a "Longa Marcha" de um povo explorado e humilhado pelos colonialistas ingleses, pelos imperialistas americanos e pelos "senhores feudais chineses e japoneses", o proletariado e o campesinato chinês, toma o poder e desde essa data tem conduzido uma luta constante pelo marxismo-leninismo, contra todos os oportunistas e sempre na vanguarda do internacionalismo proletário.

Mao Tsé-tung, dirigente do partido chinês, soube, ao lado das massas exploradas do país mais populoso do mundo, criar um país novo, na vanguarda da luta revolucionária: "Contando essencialmente com as suas próprias forças, aplicando a linha que consiste em construir o socialismo, desenvolver todos os esforços e ir cada vez mais em frente" (Agência Nova China).

O jornal Nham-Dan, orgao doe partido dos Trabalhadores do Vietname do Norte, escrevia: "O povo vietnamita considera o sucesso do povo chinês, como o seu próprio sucesso e como uma prova do superioridade do regime socialista"... "Este sucesso é um encorajamento à resistência contra a agressão dos Estados Unidos e pela construção do socialismo".

Os dirigentes da Republica Popular Democrática da Coreia afirmaram que esta iniciativa do povo chinês é um "golpe severo contra os imperialistas, que persistem na política de chantagem nuclear e intensificam as suas manobras de agressão e de guerra".

construção do Partido da vanguarda operária, etapa decisiva para o desenvolvimento da mobilisação das massas trabalhadoras na luta contra o capitalismo e o imperialismo, que passa pelo desmascaramento dos oportunistas e revisionistas, seja qual fôr a etiqueta com que se apresentem.

Nota: esta breve análise sobre a importância política da prisão destes 3 militantes feita por camaradas dum núcleo "O COMUNISTA", deverá ser discutida por todos os militantes nos respectivos núcleos. É que ligadas à análise feita por estes 3 militantes presos, estão ligadas as questões que hoje se põem aos comunistas portugueses.

Perante isto, a nossa posição para com os 3 camaradas presos é a análise do seu esforço na divulgação dos princípios m.-l., de que os 6 números de "Revolução Popular" são o exemplo teórico, documentos de extrema importância para o estudo da luta da classe operária portuguesa, assim como nos parece importante a popularização da justa posiçãodde Pulido Valente como militante comunista revolucionário perante as torturas da PIDE.

GREVE NUMA FABRICA DE VIDRO DA MARINHA GRANDE

Os operários da Fábrica de vidro do Manuel Pereira, actual presidente da Câmara Municipal da Marinha Grande, estiveram em greve durante uma semana.

O objectivo principal dos operários era o aumento dos salários. Conscientes de que o patrão não cedia "pelas boas palavras", decidiram pôr-se em greve. A Direcção da Fábrica, ao ver que os operários se mantinham firmes, decidiu fazer apelo

ao seu proprietário, para que este resolvesse a situação. O Manuel Pereira, como presidente da Câmara, não esperou mais tempo: enviou a Polícia de Segurança Pública ocupar a Fábrica, procurando individualmente saber quem eram os organisadores do movimento, para em seguida mandá-los para os carrascos da PIDE (se bem que esta tenha mudado de nome, a actuação dela em relação ao Movimento Operário, camponês e estudante é a mesma). Mas os operários respondiam todos da mesma maneira: "O que a gente quer é o aumento de salário, pois a vida está cada vez mais cara, aumenta tudo, e com os actuais salários não se pode comprar quase nada." Não conseguindo os objectivos que esperava, o Manuel Preira, apesar de ser presidente da Câmara, foi obrigado, perante a firmeza e decisão dos operários, a conceder o aumento de salários os quais atingiram em média geral cerca de 30 escudos a mais por dia.

Esta pequena vitória demonstra que os operários, agindo em massa, unidos, conseguem sempre obter o que pedem, mesmo se o patrão é presidente da Câmara. É evidente, porém, que os trabalhadores da Marinha Grande não esquecem o célebre 18 de Janeiro de 1934, em que pela primeira vez na história do Movimento Operário Português os operários foram donos da sua própria terra.

Mas novas batalhas esperam os trabalhadores!

Enquanto existir a exploração capitalista os trabalhadores são obrigados a lutar e cada vez com maior coragem e firmeza!

Sempre em frente companheiros de luta e a vitória será nossa!

(Núcleo de Trabalhadores da Marinha Grande)

LUTA CONTRA A GUERRA COLONIAL!

– SOLDADO PORTUGUÊS –

Como muitos outros já o fizeram, os ex-fuzileiros ANTONIO JOSÉ VIEIRA PINTO, N.º 1227-7, JOSÉ ARMINDO SENTIEIRO, N.º 1225-7 E ILBERTO COSTA ALFAIATE, Nº. 790-8 abandonaram a tropa colonial no dia 18 de Fevereiro.

NA EUROPA, PARA ONDE SEGUIRÃO DENTRO DE BREVES DIAS, OS TEUS COMPATRIOTAS CONTARÃO COMO FORAM RECEBIDOS PELO NOSSO PARTIDO.

E, com os outros que já fizeram o mesmo e estao agora em França ou em qualquer outro país, eles lembrar-se-ao de ti·soldado português.
De ti que continuas no exército colonial:
A participar em crimes contra o nosso povo;
A contribuir para ruina do teu país;
A sofrer a tirania dos oficiais;
A correr o risco de seres mutilado ou morto, como muitos milhares de jovens já o foram,
SOMENTE PARA O GOZO DOS RICAÇOS DA TUA TERRA

PROVA QUE ÉS UM HOMEM QUE SE RECUSA A COMETER CRIMES E A MORRER INUTILMENTE NUMA GUERRA JÁ PERDIDA.

ABANDONA A TROPA COLONIAL
QUE SERÁS BEM RECEBIDO

NÓS NÃO LUTAMOS CONTRA O POVO PORTUGUÊS, CONTRA INDIVIDUOS PORTUGUESES OU FAMILIAS PORTUGUESAS.
PEGÁMOS EM ARMAS PARA LIQUIDAR NA NOSSA TERRA, A DOMINAÇÃO COLONIAL PORTUGUESA, QUE NUNCA CONFUNDIMOS COM O POVO DE PORTUGAL!

P. A. I. G. C.

PANFLETO DISTRIBUÍDO PELO PAIGC À TROPA PORTUGUESA

"No dia 18 de Fevereiro três jovens fusileiros grumetes (António José Vieira Pinto, José Armindo Sentieiro e Ilberto Costa Alfaiate) com um lenço branco nas mãos e arma às costas, entregaram-se às forças do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC).

Os nossos combatentes e a população civil receberam-nos com amizade e deram-lhes o melhor tratamento.
Levados para local seguro, os teus compatriotas foram entrevistados por um jornalista estrangeiro no próprio dia em que a Rádio Bissau comunicou a mentira vergonhosa que eles tinham morrido no mato.

Enquanto esperamentre nós o dia da sua partida para o país que escolherem, o Pinto, o Alfaiate e o Sentieiro têm falado na nossa Rádio para todos os soldados portugueses que sofrem na guerra colonial."

Publicamos uma carta de um camarada furriel miliciano justificando a sua recente deserção.

"Quando ainda vinha longe a minha entrada para o exército colonialista, pôs-se-me diversas vezes o problema da deserção como meio de recusar a colaboração numa guerra injusta que nunca aceitei.
No entanto, e depois de reflectir, decidi que era mais positivo desenvolver no seio do exército um trabalho militante que eu achava necessário. Não vou divagar sobre as possiblidades desta acção política, mas digo, com a minha experiência, que os primeiros meses, ou seja durante a recruta e a especialidade, são extremamente propícios a um trabalho de agitação e propaganda contra o exército e a guerra colonial. Mais tarde começaram a surgir problemas para o desenvolvimento da acção, que foram o enquadramento, vigilância repressiva, etc. Quando tive a certeza que seria mobilisado brevemente, e que quando tal acontecesse o trabalho que iria desenvolver seria nulo em confronto com a colaboração dada à guerra colonial, decidi desertar, pois era o caminho mais viável para continuar a desenvolver um trabalho militante."

COMENTÁRIO

O problema que se levantava a este camarada, era precisamente aquele que foi tratado no ponto nº 1 da Introdução da página sobre a DESERÇÃO: o exílio não irá afastar-me de uma prática política?
Afirmamos que a posição tomada pelocamarada foi correcta. Realmente, a alternativa que os camaradas devem pôr a si próprios é: o trabalho de agitação é comparável com a colaboração que vou prestar à Guerra Colonial?
A resposta hoje é, indiscutivelmente: NÃO.
Como dissemos, essa agitação política será eficaz se houver ligação organisada com os movimentos de libertação; conseguir esse acordo de acção política é uma das tarefas mais importantes que hoje nos competem.
Por outro lado, a chegada ao exílio não é desmobilisadora. São inúmeras as necessidades de uma organisação revolucionária. E não são de menospresar as tarefas no exterior; elas constituem, e constituirão ainda mais com o nosso desenvolvimento, um apoio importantíssimo à luta que travamos no interior do país.

ROUBA ARMAS PARA ATACAR A BURGUESIA!

CORRESPONDENCIA DOS NUCLEOS

O 1º DE MAIO

De 1884 a 1886 várias ondas de revolta sacudiram os E.U.A., após uma crise económica que deixou os trabalhadores na miséria e sem emprego.

No dia 1 de Maio de 1876, 190 mil trabalhadores dos EUA revoltam-se contra a vida de miséria e exigem a jornada de 8 horas,

A rebelião pega fogo às massas trabalhadoras .

Os operários declaram greve ger geral em todos os Estados Unidos. Oitenta mil operários de Chicago manifestam na rua a sua cólera contra o regime dos vorazes magnates.

Este é o primeiro dia duma quinzena em que a luta dos trabalhadores americanos atingiu uma força exemplar.

A insurreição das massas trabalhadoras faz tremer a burguesia, que teme o poder dos operários revoltados e unidos e a perca do seu próprio poder. Então ela recorre aos métodos habituais: o da provocação.

No dia 4 de Maio, durante um plenário, uma bomba explode sobre as pernas de alguns polícias. O pretexto é excelente! A burguesia prende os dirigentes do movimento revolucionário e enforca-os.

O assassinato dos camaradas operários americanos passou a ser o símbolo dos milhares de crimes que a burguesia comete todos os dias contra os operários e trabalhadores em toda a parte do mundo, lá onde ela esteja.

O dia 1º de Maio é um dia de solidariedade do proletariado internacional, dos trabalhadores de todo o mundo, na luta para abater essa assassina burguesia.

Em 1963, quando os trabalhadores e estudantes de Lisboa foram para a rua, a polícia disparou sobre os manifestantes. Assassinou um trabalhador. Em 1964 repetiu-se o mesmo: manifestação, e repressão violenta da polícia. Resultado: de novo um morto.

Isto não é de admirar, pois a burguesia não se poupa a usar a violência, e não hesita em utilisar as armas de fogo quando a revolta se manifesta.

Porque haviam então os trabalhadores de a poupar, quando todos os dias eles estão a ela submetidos?

Isto não se passa só nos países fascistas; nos países de democracia burguesa passa-se o mesmo. Mesmo se o "Amanhã" de Junho de 1964 diz: "Se para os países libertos das garras do fascismo e da exploração, o 1º de Maio é dia de alegria e festa, em Portugal ele foi dia de luta"... (vindo mais adiante contradizer-se): "em muitas localidades houve confraternisação e foguetório com ausência ao trabalho."

"A FESTA DOS TRABALHADORES OPRIMIDOS — diz Lénine — É A REVOLUÇÃO."

Contra as metralhadoras, as coronhas e os cacetes o P."C."P. não organisou, nem mobilisou os trabalhadores para formas de luta violenta defensiva, deixando assim os trabalhadores passivamente à mercê da polícia, e condenados todos os anos a repetir o mesmo 1º de Maio, onde mesmo a morte de um trabalhador nem sequer serviu para de novo mobilisar e politisar a classe operária.

O trabalhador assassinado é vítima do fascismo, grita-se amnistia e canta-se o hino nacional, mas as lições políticas a tirar o P."C."P. não as tira, nem as popularisa. As lições políticas a retirar é que as manifestações pacíficas e ordeiras só servem para expôr o trabalhador à repressão, que nunca se pode combater a burguesia sem armas na mão. A classe trabalhadora só se poderá opôr à burguesia quando possuir um partido que saiba desenvolver o processo violento da luta de classes. Nessa altura os trabalhadores terão enfim as suas jornadas de luta, saberão fazer de todos os dias do ano um 1º de Maio símbolo da resistência operária.

VITÓRIA DAS CRIADAS DOS HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

Cerca de 600 criadas dos Hospitais Civis de Lisboa iniciaram, em princípios de Março, uma luta reivindicativa em torno dos pontos apresentados, numa exposição anteriormente feita ao sub-secretário geral da Saúde e Assistência. Ao fim de quase um mês e meio de luta conseguiram a justa vitória num dos pontos de maior importância: o de aumento de salários.

O governo, perante a unidade de todas as criadas, apoiadas pelas restantes classes dos H. C.L., viu-se obrigado a aumentar os salários em quase um conto de reis por mês.

FASES DA LUTA

1. Reuniões gerais das criadas para discutir a exposição feita ao sub-secretário da Saúde; reuniões destas onde se fomentou a unidade e que foram mobilisadoras para as acções futuras.

2. Fase das conversações, que foi desde as exposições aos administradores até à manifestação de massa junto do ministério.

3. Como indício de força foi esboçado um princípio de greve aproveitando o movimento grevista dos médicos.

4. Ultimato feito ao governo dando um prazo para a resolução da situação económica da classe das criadas.

É preciso que as criadas dos H. C. L. saibam aproveitar a sua força. A vitória da reivindicação apresentada não é tudo. Muitos pontos ficaram ainda por resolver tais como: horário de trabalho, o qual varia entre as 8 horas diárias até 12, 16 ou mais horas de trabalho seguido.

As condições de trabalho, que são de escravatura; a questão das férias e da assistência social; o próprio funcionamento hospitalar. Tudo isto são questões fundamentais que as criadas podem e devem resolver.

A luta das criadas dos H.C.L. é mais uma prova de que a unidade dos trabalhadores na acção revolucionária tem poderes ilimitados, que nem a burguesia nem o governo que a representa e defende, com todo o aparelho de repressão, são capazes de deter.

(Núcleo 18 de Janeiro)

COMENTÁRIO

A situação das criadas dos hospitais é particularmente injusta, e oferece um dos contrastes mais gritantes da sociedade Portuguesa.

O trabalho é exercido por turnos de 8 horas; quando a substituta não se apresenta ao trabalho a criada é obrigada a continuar no seu posto, e essas horas extraordinárias não são pagas; mais: mesmo que trabalhem 24 horas, não têm dia de folga a seguir.

Um dos pontos fundamentais desta luta era conseguir a igualdade com os serventes, que, apesar do trabalho ser o mesmo, beneficiavam de melhor remuneração e de inclusão no quadro de funcionários (o que traz alguns benefícios no capítulo da assistência médica).

As lições desta luta são importantíssimas: a vitória foi conseguida com relativa facilidade, porque a acção se passava num sector fundamental da organisação

O CENTENARIO DE LENINE

Lenine (Vladimiro Oulianov), nasceu em Abril de 1870. Depois de fazer os estudis secundários, increve-se na Universidade de Kazan em Direito, mas é expulso por causa das suas ideias políticas. Começa a estudar o marxismo e mais tarde parte para S. Petesburgo, onde começa a sua actividade málitante. É nesta época que Lenine começa a escrever contra os falsificadores do marxismo. Funda uma organização clandestina, que se desenvolve no meio operário. Em Dezembro de 1895 é preso e deportado para a Sibéria por 3 anos. Durante a deportação escreve sobre "O Desenvolvimento do capitalismo na Rússia". No fim da deportação, perseguido pela polícia, parte em 1900 para o exílio, na Suíça, onde cria um jornal militante (Iskra - A Centelha), que dirige com o fim de lançar as bases dum partido revolucionário.

Em 1902 no livro "Que fazer?" Lenine aprofunda a teoria do partido revolucionário de tipo novo: constituição dum corpo centralizado de revolucionários profissionais, fortemente disciplinados, centrolando uma rede de organizações do partido com o máximo de aderentes e eles mesmos apoiados sobre as massas trabalhadoras. Defende a aliança da classe operária com a classe camponesa e insiste sobre o papel dos intelectuais na elaboração das teorias revolucionárias, porque "sem teoria revolucionária, não há movimento revolucionário."

Em 1903, no 2º Congresso do Partido Social-Democrata (nome do partido socialista na altura), o programa político feito por Lenine e Plekanov de um partido disciplinado e eficaz é aceite, mas estabelece-se a cisão entre bolcheviques e mencheviques. Lenine toma a direcção do grupo bolchevique, que é o embrião do futuro partido comunista da Rússia. Lenine volta a S. Petesburgo em Novembro de 1905, com o propósito de preparar um levantamento armado das massas e a instauração dum governo democrático dos operários e camopneses.

A Revolução de 1905 falha. Em 1907 Lenine volta a emigrar. Durante os anos anteriores à 2ª guerra mundial, morando em Genebra ou em Paris, continua a luta, aqui fundamentalmente ideológica, contra os mencheviques, que querem a via legalista, e contra todos aqueles que tentavam uma terceira via, situando-se entre os bolcheviques e os mencheviques, contra os anarquistas, que pensam que o terrorismo acordará enfim as massas apáticas ou imóveis, e contra aqueles que queriam uma acção revolucionária imediata.

"As revoluções não se fazem de encomenda, não se pode fazê-las coincidir com este momento ou com outro, elas amadurecem com o desenvolvimento histórico e rebentam num momento determinado por todo o conjunto de causas interiores e exteriores." (em "O Estado e a Revolução").

Em 1908, no livro "Materialismo e empirocriticismo", demonstra que o materialismo histórico de Marx e Engels são confirmados pelas ciências e pelo desenvolvimento do pensamento científico.

Em Praga, em 1912, é feita a ruptura entre bolcheviques e mencheviques. A partir daqui, os bolcheviques constituem um partido independente e o jornal PRAVDA (A verdade) aparece em S. Petesburgo dirigido do estrangeiro por Lenine.

Quando a 1ª guerra mundial começa, Lenine denuncia o seu carácter imperialista e a traição dos sociasi-democratas, que amarram o proletariado à carroça da burguesia, defendendo a política belicista dos governos burgueses europeus.

Lenine proclamava que o proletariado de todos os países devia opôr-se à guerra, porque era imperialista, para a partilha do planeta e a pilhagem das colónias. E Lenine acrescentava que o marxismo não é uma teoria anti-militarista e pacifista incondicional, pois recorrer à guerra justifica-se se ela fizer triunfar a revolução.

Em 1917, os acontecimentos precipitem-se, e os soldados e os operários de S. Petesburgo revoltam-se contra o poder. O czar abdica. Um governo de maioria menchevique sucede-lh e. Lenine volta à Rússia e é acolhido calorosamente pelas massas tra trabalhadoras

Em alguns discur sos e nas"teses de Abril", Lenine insiste em que "a queda do czarismo é apenas uma etapa da revolução, pois que o poder continue nas mãos da burguesia, a etapa seguinte dará o poder aos operários e camponeses, pois só eles poderão construir uma sociedade socialista."

Mais uma vez Lenine será perseguido por causa da sua prática revolucionária, desta vez não são os velhos czaristas que o perseguem, são os seus substitutos, os mencheviques, e uma vez é obrigado a exilar-se, desta vez na Finlândia. Volta em Outubro, e a maioria bolchevique, com a esauerda socialista, declaram o poder dos Sovietes, e um governo bolchevique é criado sob a orientação de Lenine.

.....

Para todos os marxistas-leninistas, cuja tarefa fundamental é a revolução, é fundamental analisarmos politicamente o trabalho de Lenine como chefe revolucionário e estudarmos as teses que nos deixou sobre: a construção dum Partido Novo, bolchevique; a luta contra os oportunistas e revisionistas; a tomada do poder pelos operários e camponeses; a ditadura das massas trabalhadoras sobre a burguesia; o internacionalismo proletário ; a definição do imperialismo como último estado do capitalismo.

É nesta base que os núcleos O COMUNISTA irão editar um suplemento, abordando todos estes aspectos do leninismo e é nesta base que os "Textos Marxistas" têm publicado algumas das análises de Lenine sobre os diversos aspectos da luta contra a burguesia capitalista e contra os reformistas e revisionistas.

Esta é também uma demarcação perante os revisionistas da Direcção do P."C."Português, que comemoram o centenário o centenário de Lenine enviando um telegrama aos actuais dirigentes da Rússia, hoje em dia o retrato fiel do oportunismo e do revisionismo, que Lenine combateu incansàvelmente toda a sua vida.

Para o movimento marxista-leninista português, a comemoração deste centenário deve ser motivo de reflexão sobre as importantes tarefas que hoje se põem aos comunistas portugueses: a construção do Partido de vanguarda das massas trabalhadoras portuguesas, a luta contra a burguesia colonialista no poder, o desmascaramento dos reformistas, a tomada do poder pelas massas trabalhadoras portuguesas.

O desenvolvimento dos núcleos O COMUNISTA, a crítica e auto-crítica constante do nosso trabalho, é a forma mais justa de divulgarmos o marxismo-leninismo e de procurarmos o reforço da organização.

---

pública, e porque a unidade da classe foi assegurada (apesar de algumas tentativas teleguiadas pelos reformistas para que o movimento se tornasse mais "razoável").

Não se sentiu a necessidade dos tais sindicatos, nem se viu que para que a luta triunfasse teria sido necessária uma certa infiltração nos Sindicatos "Nacionais", como o P."C."P. aconselha.

A verdade aparece clara e define uma linha de acção para os revolucionários:

a) infiltração na classe;
b) combate decidido por melhoria das condições económicas e de trabalho;
c) desprezo pelas tácticas reformistas e revisionistas de acção sindical;
d) motivação política da acção;
e) radicalisação da acção como única resposta possível às recusas do capitalismo.

NÓS DESERTAMOS COM ARMAS!

CONTRA A GUERRA COLONIAL
PELAS LUTAS DO POVO!

NÚCLEOS "O COMUNISTA"